

Nem de Tal, Agência Estado



Carlos Drummond de Andrade

Leitura de uma manchete*

Rubens Rodrigues Torres Filho**

“Morreu nosso poeta”: sob esse título, um jornal de São Paulo estampou, naquela terça-feira, uma ampla foto, da autoria de Nem de Tal (JT, 18/8/87), na qual se vê o itabirano aos 80 anos, cabisbaixo, a testa apoiada sobre as mãos postas – como em feitiço de oração. O relógio de pulso está marcando onze e meia.

Uma primeira leitura, que cedesse à ilusão de se estar diante de uma figura em prece, o leitor tem o dever de, prontamente, repudiar. O “agnosticismo rigoroso” desse homem, declarado e assumido com tanta clareza e serenidade em todas as ocasiões em que vinha ao caso, é o bastante para motivar essa atitude de elementar respeito. Mas entenda-se bem o adjetivo: no que, exatamente, ele é *rigoroso*, a ponto de conduzir Alfredo Bosi a aproximá-lo, com pertinência, ao agnosticismo kantiano? (Cf. *Folhetim*, n. 550, 21/8/87, B-8: “O horizonte de pensamento tangencia a kantiana *coisa em si*, o nómeno, incognoscível”.)

Esse rigor está na aceitação consciente e lúcida do indecifrável, por parte de alguém a quem o escancarar-se da máquina do mundo provoca apenas a transformação da *vagueza* (“E como eu palmilhasse vagamente...”) em *vagar* (“...seguia vagaroso, de mãos pensas”), sem no entanto desviá-lo de

* Texto originalmente publicado em *Leia*, setembro de 1987. A comissão editorial agradece ao autor a gentileza da permissão de republicá-lo aqui.

** Professor aposentado do Departamento de Filosofia da FFLCH-USP.

seu caminho. Aceitação crítica que encontraremos formulada também, pauciosamente, ante a enfática pergunta (“Poeta: Deus existe?”), nas palavras da última entrevista: “Quem afirma que ele *existe ou não* emite uma opinião puramente pessoal, porque não há nenhuma base científica para *afirmar ou negar* a existência de Deus.” (JB, 8/8/87) Interpelado na solene qualidade de “Poeta” — Quem, eu? — a pronunciar-se, a dar seu sim-ou-não à lancinante questão, sua reação espontânea vem acompanhada de riso: — “A mim é que você vem perguntar isso?”

Aporia

Dissipado esse véu, o que diz então, despojada agora de uma religiosidade fácil, a imagem eloqüente? Um leitor justo bem poderia eleger, como legenda para esta foto, aqueles dois versos iniciais de seu terceiro livro:

Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo.

Uma significação verbal, plausível agora, parecerá vir habitar por um instante o segundo termo da locução que enuncia aquela imagem da “mão pensa”, e já uma linha do poema seguinte desse mesmo livro — que é, como todos sabem, a *Confidência do itabirano* — virá acrescentar à figura um indispensável matiz:

...e esse alheamento do que na vida é
porosidade e comunicação.

Comentemos um pouco essa imporosidade confidenciada, mas tão surpreendente num poeta, num ser que tem por ofício e definição o comunicar-se. Porosidade e aporia, lembraremos então, são da mesma família, descendentes da antiga palavra grega *póros*, que designava, para seus usuários: passagem, via de comunicação, leito ou curso de um rio, ponte, caminho.

Negação disso, pelo prefixo privativo, a segunda daquelas palavras pode adquirir um sentido altamente abstrato, como quando se fala dos diálogos *aporéticos* de Platão, ou conservá-lo pungentemente concreto, como no clássico e revolucionário *No meio do caminho*, que, paradoxalmente, e justamente na sua aparente frustração, é expressão *réussie* do tartamutismo que acomete o dizer perante o “acontecimento” da aporia.

Bloqueio, a-porosidade: que haja um insuspeitado trânsito conduzindo, desta condição intransitável, até a poesia, o poeta mesmo o ensinará num poema que está contido num livro posterior — na obra-prima que se chama *A rosa do povo* (1945) — mas que, na verdade, contém o núcleo — a definição e a explicação mais internas do caráter mesmo do livro inteiro. Um pequeno poema, um soneto em miniatura, que o autor batizou de *Áporo*, fazendo valer o duplo sentido dessa palavra, que, substantivamente, designa certa espécie de inseto de asas membranosas e, como adjetivo, isto mesmo de que falamos. Bastará lê-lo:

Um inseto cava
cava sem alarde
perfurando a terra
sem achar escape.

Que fazer, exausto,
em país bloqueado,
enlace de noite,
raiz e minério?

Eis que o labirinto
(oh razão, mistério)
presto se desata:

em verde, sozinha,
antieuclidiana
uma rosa forma-se

Se “não é longo mentar uma flor” quando se corre “por cima do estreito rio presente”, como está dito em *Contemplação no banco*, outra coisa é saber extraí-la do “largo armazém do factível/ onde a realidade é maior que a realidade” (*Isso é Aquilo*), apesar e através da pedra interceptante. Aquele alheamento ao que é porosidade, dado como traço de personalidade, enlaça-se então, no escritor, a um incessante visar o que é áporo – e o gesto poético passa a ser comparável à *mineração de uma flor*. Pelo ofício das mãos, no ato da *poiese*, não pelo alçar-se especulativo de mente impaciente: penetrando surdamente o reino pré-figurativo da palavra em latência.

Crítica do Juízo

E aqui surge uma nova e inesperada proximidade com o velho Kant, não já com o da rigorosa impenetrabilidade das coisas em si, mas com o da *Crítica do Juízo*, curioso por surpreender as significações em estado nascente. Assim, em *Lição das coisas*, é-nos dado ler, logo em seu poema de abertura: “O nome é bem mais do que o nome: o além-da-coisa, coisa livre da coisa, circulando.” Por isso, qualquer figuração particular, qualquer imagem, de *Fulana (O mito)*, por exemplo, ou da moça de *O padre, a moça* (apesar da transcendental beleza de Helena Ignez), desfigurará fatalmente essa poesia, por mutilação, amputando-lhe os possíveis, que ela quer manter vivos e livres em sua força plasmadora; e converterá a beleza livre (*pulchritudo vaga*) em beleza aderente:

Flores são belezas naturais livres. O que, como coisa, seja uma flor, dificilmente alguém, fora o botânico, sabe; e mesmo este, que reconhece nela o órgão fecundador da planta, quando julga sobre ela através do gosto, não toma em consideração esse fim natural. (*Crítica do Juízo*, § 16: “O juízo-de-gosto pelo qual um objeto é declarado belo sob a condição de um determinado conceito não é puro.”)

Mencionei dois pontos que é preciso saber reconhecer, nesse seu belo rigor, para fazer justiça ao homem e ao artista. Agora, depois dessas fugazes anotações e desse adejar um tanto circunflexo ao redor de Carlos Drummond de Andrade, por ocasião de sua morte, é momento de mentar junto com ele, abstando-nos reverentemente de comentá-los, aqueles quatro primeiros versos, inesquecíveis, da magistral *Elegia* de 1954:

Ganhei (perdi) meu dia
e baixa a coisa fria
também chamada noite,
e o frio ao frio
em bruma se entrelaça,
num suspiro.

Contents

- 11** On the Gilda de Mello e Souza's critical method
Otília Beatriz Fiori Arantes
- 29** About philosophy and to philosophize
Roberto Bolzani Filho
- 61** Scepticism and empiricism
Oswaldo Porchat de Assis Pereira da Silva
- 109** A paper on my desk
José Arthur Giannotti
- 117** The name of One
Claude Lefort
- 129** Descartes and Netherlands
Jean Galard
- 143** Safety and liberty: Spinoza and the construction of peace
Marilena Chaui
- 167** The differential element of time and physical causality
in d'Alembert's dynamics
Michel Paty

- 217** Solipsism and conjecture
João Paulo Monteiro
- 239** The antinomy and her content
Gérard Lebrun
- 277** Gérard Lebrun and "le devenir de la philosophie"
Bento Prado Jr.
- 297** My early ears
Ruy Fausto
- 301** Lecture of a headline
Rubens Rodrigues Torres Filho

INSTRUÇÕES PARA OS AUTORES

1. Os trabalhos enviados para publicação devem ser inéditos, conter no máximo 40 laudas (30 linhas x 70 toques) e obedecer às normas técnicas da ABNT (NB 61 e NB 65) adaptadas para textos filosóficos.
2. Os artigos devem ser acompanhados de resumo de até 100 palavras, em português e inglês (*abstract*), palavras-chave em português e inglês e referências bibliográficas. As obras citadas devem ser ordenadas alfabeticamente pelo sobrenome do autor e numeradas em ordem crescente, obedecendo às normas de referência bibliográfica da ABNT (NBR 6023).
3. A comissão executiva reserva-se o direito de aceitar, recusar ou re apresentar o original ao autor com sugestões de mudanças. Os relatores de parecer permanecerão em sigilo.
4. Trabalhos produzidos em microcomputadores devem ser enviados em disquetes de 3 1/2" em padrão compatível com PC.

NOTES TO CONTRIBUTORS

1. Articles are considered on the assumption that they have not been published wholly or in part, elsewhere. Contributions should not normally exceed forty double-space pages.
2. A summary abstract of up to 100 words should be attached to the article. A bibliographical list of cited references beginning with the author's last name, initials, followed by the year of publication in parentheses, should be headed "References" and placed on a separate sheet in alphabetical order.
3. All articles will be strictly refereed.
4. Contributors should send two copies or alternatively one hard copy and one soft copy (DOS format 3 1/2" disc in Microsoft Word).